

Paideia Tomasiana

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

1. Tomás: o professor e pedagogo

Nenhuma das grandes obras do Aquinate – observa Gilson – está desvinculada do seu magistério. O ensino: ou é a fonte direta de onde emana o conteúdo das suas obras, ou, ao contrário, a sua obra é que é a fonte imediata de onde dimana o conteúdo do seu ensino. Em outras palavras: Tomás escreve o que ensina e ensina o que escreve:

Não há uma só das grandes obras de santo Tomás de Aquino, por exemplo, com exceção talvez da *Suma Contra Gentios*, que não tenha saído diretamente de seu ensino ou que não tenha sido expressamente concebida para o ensino.¹

O *Prologus* da *Summa Theologiae* não deixa dúvida sobre qual seja a finalidade da obra. Não se trata de uma obra para eruditos, mas para novéis. O *Doutor da Verdade Católica*, não deve somente ensinar aos mais adiantados, senão que também deve ministrar aos neófitos a *sacra scientia*. De sorte que a *Summa* não se propõe um rigor argumentativo próprio aos estudos mais avançados; trata, antes, de uma exposição sintética das verdades referentes à fé cristã, adequada à formação dos principiantes.²

Desta feita, o projeto de uma *Summa Theologica*, tão comum à época de Tomás, parece ter se originado da experiência de anos de magistério. Aliás, ele sempre soube manter certa familiaridade com os noviços de sua ordem e com os seus alunos em geral. Seus biógrafos o mostram, já mestre, caminhando com os novéis pelas ruas de Paris, em clima de

¹ GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 493.

² TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. *Prólogo I*: “O doutor da verdade católica deve não apenas ensinar aos que estão mais adiantados, mas também instruir os principiantes (...) Por esta razão nos propusemos nesta obra a expor o que se refere à religião cristã de modo mais apropriado à formação dos iniciantes.”

amistosa conversação.³ Segundo relata-nos o *prólogo*, talvez em razão deste contato mais direto que ele mantinha com os neófitos, Tomás via-se ante a necessidade de sanar as dificuldades de aprendizagem que acercavam o ensino da teologia entre os iniciantes. O acúmulo de questões, os argumentos inúteis, a má ordenação dos assuntos e as repetições enfadonhas, eis algumas das dificuldades atestadas pelo olhar atento de Tomás. Como também tivera sido aluno, preocupava-se, decerto, com a aprendizagem dos seus alunos. Afastar do ensino a confusão e o enfado parecem terem sido as grandes motivações de Tomás para dar cabo de empresa tão gigantesca. Tornar o ensino leve e agradável, eis, pois, a razão da existência da *Suma Teológica*:

Observamos que os noviços nesta doutrina encontram grande dificuldade nos escritos de diferentes autores, seja pelo acúmulo de questões, artigos e argumentos inúteis; seja porque aquilo que lhes é necessário saber não é exposto segundo a ordem própria da disciplina, mas segundo o que vai sendo pedido pela explicação dos livros ou pelas disputas ocasionais; seja ainda pela repetição freqüente dos mesmos temas, o que gera no espírito dos ouvintes cansaço e confusão. No empenho de evitar esses e outros inconvenientes, tentaremos, confiando no auxílio divino, apresentar a doutrina sagrada sucinta e claramente, conforme a matéria o permitir.⁴

Agora bem, a pedagogia do Aquinate não se voltava somente para com os seus alunos em geral, mas também com cada um deles em particular. Prova disso é que ao seu fiel discípulo – *socius frater* – Reginaldo Piperno, a quem também chamava de filho, e que o acompanhará até o final da sua vida, escreve e dedica um compêndio da doutrina cristã, infelizmente deixado inacabado. Trata-se do *Compendium Theologiae*:

Para transmitir, caríssimo filho Reginaldo, um compêndio da doutrina cristã de modo a tê-lo sempre diante dos olhos, a nossa intenção, no presente trabalho, é tratar das três virtudes: primeiro, da fé; depois, da esperança; e, por fim, da caridade.⁵

Conta-se que, certa feita, Reginaldo caiu enfermo com uma febre alta. Tomás, aflito com o sofrimento do aluno e amigo, impôs-lhe uma relíquia de Santa Inês que trazia consigo,

³ TORRELL, Jean Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: Sua Pessoa e Obra**. 2ª ed. Trad. Luiz Paulo Rouanet. Rev. Saulo Krieger et al. São Paulo: Loyola, 2004. p. 330.

⁴ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. *Prólogo I*:

⁵ TOMÁS DE AQUINO. **Compêndio de Teologia**. 2ª ed. Trad. D. Odilão Moura, OSB. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. I. p. 30.

e alcançou-lhe o milagre. Feliz com a rápida convalescença do seu secretário prometeu aos seus alunos oferecer-lhes, todos os anos, uma ceia em honra da santa, para festejar o restabelecimento de Reginaldo.⁶ Homem de grande sensibilidade, Tomás não via na dor e na tristeza causas, salvo acidentais, da aprendizagem. Para este professor do século XIII, causar tristeza ou dor ao aluno, a fim de corrigi-lo, longe de incitar-lhe ao estudo, paralisa-o:

Se a dor ou tristeza é moderada, pode acidentalmente ajudar a aprender, enquanto retira o excesso dos prazeres. Mas, por si, impede o estudo, e se for intensa, suprime de todo.⁷

O seu fino tino levava-o a condenar a atitude daqueles que corrigem os seus alunos com menosprezo, difamando-os ou inquietando-os. Resoluto, sobre estes, sentencia Tomás: “Ao contrário, é vicioso reparar nos erros do próximo para menosprezá-lo, difamá-lo ou, simplesmente, inquietá-lo, sem proveito algum”⁸. Aos olhos de Tomás, louvável e virtuoso é o mestre que sabe observar o comportamento do aluno não só para criticá-lo, descobrir-lhe os erros para depois então corrigi-los, senão também com uma simpatia sempre disposta a aprender com ele. Mesmo nas grandes disputas, onde era comum às partes cometerem desatinos, Tomás mantinha-se sereno. Jamais recorria a uma eloquência inacessível a todos, nem se valia de palavras pouco acessíveis. Conta-se, inclusive, que quando Peckham, na defesa do seu “mestrado”, opôs-lhe francamente, ele não lhe cedeu às provocações no momento, temendo prejudicar-lhe a carreira de mestre que ora se iniciava.⁹

Sem embargo, com uma postura de abertura e acolhida às obras alheias, pode o mestre receber, na visão de Tomás, um novo estímulo para que ele próprio se torne melhor. Destarte, é claro que, mesmo nesta perspectiva, a correção do aluno também encontra o seu lugar, mas ela deve ser sempre feita com caridade, buscando, antes de tudo, fazer com que o aprendiz tome consciência do seu erro e assim se corrija:

Deve-se dizer que é louvável atentar, com boa intenção, para o que os outros fazem, se for para utilidade própria, vendo as boas ações alheias como estímulo a ser melhores, ou se for para a utilidade do próximo, para que este, seguindo as regras da caridade e do seu dever do ofício, se corrija no que estiver praticando de mal.¹⁰

⁶ TORRELL, Jean Pierre. *Op. Cit.* p. 331.

⁷ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I-II, 37, 1, ad 2.

⁸ *Idem. Ibidem.* II-II, 167, 2, ad 3.

⁹ TORRELL. *Op. Cit.* p. 330.

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. II-II, 167, 2, ad 3.

2. A virtude da estudiosidade e os vícios opostos

O homem, por natureza, deseja conhecer.¹¹ E o estudo consiste, precisamente, na aplicação do homem para alcançar o conhecimento.¹² Agora bem, a virtude que nos faz empenhados na aquisição do conhecimento chama-se *estudiosidade*.¹³ Portanto, a estudiosidade diz respeito, precipuamente, à busca do conhecimento e somente secundariamente àquilo para o que o conhecimento é útil.¹⁴

Ora bem, o nosso desejo natural de conhecer também pode degenerar-se. Donde a necessidade de tal inclinação ser moderada. Com efeito, pertence à estudiosidade moderar este apetite intelectual. Sem embargo, enquanto controla esta tendência a conhecer, deve-se dizer que a estudiosidade faz parte da *virtude da temperança*.¹⁵

No entanto, uma segunda tendência se faz sentir em nossa natureza racional. Desta feita em relação ao corpo. Trata-se da fadiga causada pela investigação, que, por vezes, faz com que fuçamos dos estudos. Ora, à estudiosidade cuida também fortalecer a intenção daquele que deseja adquirir determinada ciência, a fim de que não desfaleça no caminho. Quando opera desta maneira mostra-se como uma virtude anexa à da *fortaleza*.¹⁶

Ora, o *vício* próprio daquele que não comede o seu apetite de conhecer, chama-se *curiosidade*. Agora bem, para entendemo-la, urge distinguir, quanto ao conhecimento, dois momentos: o próprio *conhecimento da verdade* e o *desejo de conquistá-lo*.¹⁷ A estudiosidade, embora ligada a todo este processo conhecimento, refere-se, formalmente, à aspiração de conhecer.

¹¹ *Idem. Ibidem.* II-II, 166, 2, C: “Daí a afirmação do Filósofo de que ‘todos os homens, naturalmente, desejam saber’.”

¹² *Idem. Ibidem.* II-II, 166, 1, C: “O estudo implica, principalmente, a aplicação intensa da mente em alguma coisa. Ora, a mente não se aplica a alguma coisa a não ser conhecendo-a.”

¹³ *Idem. Ibidem.* II-II, 167, 1, C: “A estudiosidade não tem relação direta com o conhecimento, mas com o desejo e o empenho por obtê-lo.”

¹⁴ *Idem. Ibidem.* II-II, 166, 1, C: “Assim, o estudo busca, primeiramente, o conhecimento, e secundariamente, tudo o mais que, para ser executado, precisa ser dirigido pelo conhecimento. (...). Portanto, a estudiosidade refere-se propriamente ao conhecimento.”

¹⁵ *Idem. Ibidem.* II-II, 166, 2, ad 3: “Mas, quanto ao conhecimento, há no homem uma inclinação contrária tanto por parte da alma, como por parte da natureza corporal. Por parte da alma, porque o homem, por ela, é levado a desejar o conhecimento das coisas e, por isso, é louvável que modere esse apetite, para não exceder na busca do conhecimento. (...). Portanto, relativamente, à primeira tendência, a estudiosidade consiste em refrear, e faz parte da temperança.”

¹⁶ *Idem. Ibidem:* “Por parte do corpo, porém, o homem tem a tendência de fugir à fadiga dessa mesma busca. (...) relativamente à segunda tendência, porém, o mérito da estudiosidade reside em fortalecer a intenção para adquirir a ciência, e daí é que vem o seu nome.”

¹⁷ *Idem. Ibidem.* II-II, 167, 1, C: “Ora, é preciso analisar diferentemente o conhecimento da verdade do desejo e o empenho por conquistá-la.”

Ora, o conhecimento da verdade, enquanto tal é natural e bom. Mas o que dizer daqueles que buscam conhecer a verdade para tirar disso motivo de orgulho? Ou de outros que, alcançando-a, usam-na para pecar? Ora, estas degenerações nos levam a admitir que, *acidentalmente*, mesmo o conhecimento da verdade pode se tornar um mau, decerto não em si, mas por consequência.¹⁸ Nisto ele tal desejo pela verdade desvirtua-se para o vício da curiosidade (*curiositas*). Cabe, pois, à estudiosidade comedi-lo, a fim de que não se precipite nesta corrupção.

Desta sorte, os vícios opostos à estudiosidade dizem respeito, especificamente, à perversão concernente ao *esforço propriamente dito* ou ao *desejo desordenado* (*inordinatione appetitus*) com que este é produzido para a consecução do conhecimento.

Quando alguém deseja conhecer a verdade e empenha-se para tanto, mas com a intenção de aplicar este conhecimento para fomentar o seu *orgulho*, há um *desejo desordenado*.¹⁹ Outros há também que se dedicam aos estudos com o *desejo* de usar os seus conhecimentos para pecar.²⁰ Ora, vê-se, pois, que, nos dois casos, o fim perseguido pelo estudo é pervertido, porquanto passa a ser: não o conhecimento da verdade, mas o *orgulho* e o *pecado*.

Entretanto, há aqueles que, conquanto desejando e se esforçando para conhecer a verdade, procedem de maneira desordenada. E' o caso dos estudiosos que se dedicam ao estudo de uma área do conhecimento menos útil (*studium minus utile*) para o seu estado e função, e isto a ponto de tornarem-se desleixados nos estudos das coisas que deveriam conhecer por incumbência (*studio quod eis ex necessitate incumbit*). Tomás menciona um exemplo: os sacerdotes que deixam de estudar os Evangelhos e os Profetas, para lerem comédias e cantarem versos do campo.²¹

Em outro lugar, o Aquinate censura aqueles que se detêm muito nos conhecimentos sensíveis menos úteis e que, por conseguinte, ficam impedidos de aplicarem-se à consideração

¹⁸ *Idem. Ibidem.* II-II, 167, 1, C: “Certamente, em si mesmo, o conhecimento da verdade, é bom. Pode, contudo, ser mau, acidentalmente, em razão de alguma consequência sua, por exemplo, quando alguém se orgulha com o conhecimento da verdade (...); ou quando o homem se serve do conhecimento da verdade para pecar.”

¹⁹ *Idem. Ibidem.*: “Quanto ao desejo e ao esforço no conhecimento da verdade, pode ser ele reto ou perverso. Assim é, no caso de alguém que tendendo aplicadamente ao conhecimento da verdade, junta a isso algum elemento mau, como seria aplicar-se ao conhecimento da verdade, para tirar daí motivo de orgulho.”

²⁰ *Idem. Ibidem.*: “De igual modo, é vicioso o interesse com que alguns se empenham por aprender algo mais, com intenção pecaminosa.”

²¹ *Idem. Ibidem.*: “Primeiro, quando, por um estudo menos útil, alguém desleixa outro ao qual deveria se aplicar, por obrigação. Donde a censura de Jerônimo: ‘Vemos sacerdotes esquecendo os Evangelhos e os Profetas, para lerem comédias e cantarem palavras de amor de versos bucólicos.’”

das coisas mais úteis (*utili consideratione*).²² Aludi, por fim, àqueles que se voltam para as coisas sensíveis de forma nociva. É o que acontece com aquele que olha para uma mulher, com o desejo de possuí-la ou que “fofoca” sobre a vida dos outros.²³

Outro vício que pode ocorrer na persecução da verdade consiste em consultar aqueles as pessoas erradas. É o caso – um tanto exagerado – daqueles que chegam a consultar os próprios demônios para aprenderem deles. Tomás chama este tipo de *curiosidade de supersticiosa* (*superstitiosa curiositas*).²⁴

Desordenado também se apresenta aquele esforço que tem como fim em si mesmo o conhecimento das criaturas, sem direcioná-lo, posteriormente, ao conhecimento de Deus. Pois o bem máximo do homem (*summum hominis bonum*) não consiste em conhecer toda e qualquer verdade (*cognitione cuiuslibet veri*), mas sim em conhecer perfeitamente a verdade suprema (*perfecta cognitione summae veritatis*). Por isso, pode haver vício naqueles que buscam certas verdades, desde que tal conhecimento não esteja ordenado para o conhecimento da suma verdade (*non ordinatur ad cognitionem summae veritatis*), na qual se acha, verdadeiramente, a suma felicidade (*summa felicitas*).²⁵

Outro vício ainda é possível na estrada daqueles que se esforçam para conhecer a verdade. Trata-se da ambição de conhecer verdades superiores às suas próprias possibilidades. Quem assim procede, expõe-se mais facilmente aos erros.²⁶

²² *Idem. Ibidem.* II-II, 167, 2, C: “Portanto, aplicar-se no estudo das coisas sensíveis pode ser vicioso de dois modos. Primeiramente, se o conhecimento sensível não se ordena a nada de útil, mas, ao contrário, desvia o homem de alguma reflexão útil.”

²³ *Idem. Ibidem.*: “Outro modo vicioso de aplicação às coisas sensíveis é orientar esse conhecimento para alguma coisa nociva, como fixar uma mulher para desejá-la ou interessar-se pela vida dos outros para difamá-los.”

²⁴ *Idem. Ibidem.* II-II, 167, 1, C: “Segundo, quando alguém procura aprender com quem não se deve, como os que vão interrogar os demônios para conhecer o futuro, o que é curiosidade supersticiosa.”

²⁵ *Idem. Ibidem.* II-II, 167, 1, ad 1: “Portanto, deve-se dizer que o bem do homem está em conhecer a verdade. Mas o seu bem máximo não está em conhecer toda e qualquer verdade e sim em conhecer, perfeitamente, a verdade suprema, como o mostra o Filósofo. Pode, então, haver vício no conhecimento de certas verdades, na medida em que essa busca não se ordena, devidamente, ao conhecimento da suma verdade, na qual se acha a suma felicidade.”

²⁶ *Idem. Ibidem.* II-II, 167, 1, C: “Quarto, quando o homem ambiciona conhecer uma verdade superior às suas possibilidades, pois assim cai, facilmente, em erros.”

3. O nescio e o ignorante

Dizíamos acima que pode ser vicioso buscar toda e qualquer verdade em detrimento da verdade suprema, onde reside a suprema felicidade do homem. Outrossim, é desordenado também abandonar a busca da verdade que, por ofício, tem-se a obrigação de conhecer, para se buscar outras menos úteis. Disto decorre, pois, que nem toda ignorância é viciosa.

Ora, para diferenciar o simples desconhecimento da ignorância (*ignorantia*) propriamente dita, Tomás distingue nesciência de ignorância. Com efeito, a nesciência (*nescientia*) é a simples negação da ciência (*scientiae negationem*). Quem, pura e simplesmente, não tem a ciência de alguma coisa, é porque simplesmente a desconhece. Ao contrário, aquele que se encontra privado de uma ciência que naturalmente deveria possuir, este é um ignorante.²⁷

Agora bem, o que acontece é que há coisas tão universais que todos estão obrigados (*omnes tenentur*) a saber. Por exemplo, as verdades de fé (*sunt fidei*) e os preceitos universais da lei (*universalia iuris praecepta*). Todavia, existem outras verdades mais particulares que, dependendo do estado (*statum*) e do ofício (*officium*) que a pessoa ocupa, ela pode ou não estar obrigada a conhecer. Por exemplo, conquanto seja a todos naturalmente possível conhecer os teoremas da geometria, somente o geômetra e os que transitam nas ciências afins têm a obrigação de conhecê-los.²⁸

Portanto, negligente (*negligit*) é aquele que deixa de ter um conhecimento que deveria e poderia obter. Este peca por omissão (*peccato omissionis*). Entretanto, ninguém peca ou comete um ato omisso, por não saber o que não pode saber (*non potest*) ou o que não tem obrigação de saber. Há ainda aqueles que, inobstante tenham a obrigação de conhecer algo, desconhecem-no por uma inépcia involuntária. Ora, estes sofrem da chamada ignorância invencível (*ignorantia invicibilis*). Como tal estado não provém de um ato voluntário, é impossível imputá-lo como pecado.²⁹

²⁷ *Idem. Ibidem.* I-II, 76, 2, C: “A ignorância difere da nesciência em que significa a simples negação da ciência. Por isso, pode-se dizer daquele a quem falta a ciência de alguma coisa, que não a conhece. (...). A ignorância implica uma privação de ciência a saber, quando à alguém falta a ciência daquelas coisas que naturalmente deveria saber.”

²⁸ *Idem. Ibidem:* “Assim, todos obrigados a saber, em geral, as verdades da fé e os preceitos universais da lei. E cada um em particular, o que diz respeito ao seu estado e função. Ao contrário, há coisas se é obrigado a saber, se bem que seja natural sabê-las, por exemplo, os teoremas da geometria, e exceto em certos casos, os acontecimentos contingentes.”

O aluno que desconhece uma matéria já dada, por exemplo, pode ser um ignorante. Se, no entanto, o que desconhece não foi dado em aula ou, ainda, se não teve acesso ao material, é um néscio e não um ignorante. Ninguém é obrigado a saber tudo nem a estar de posse de todo conhecimento disponível. Um agrônomo não tem obrigação de conhecer medicina; tampouco um engenheiro florestal é obrigado a conhecer arquitetura, salvo se tiver formação nas duas áreas! Estamos bem longe do racionalismo.

4. *Estudiosidade e eutrapelia*

Outro aspecto importante da pedagogia de Tomás é a relação que faz entre a estudiosidade e a eutrapelia. De fato, assim como o homem precisa de repouso para refazer as forças do corpo, que tem uma potência limitada e não pode trabalhar sem parar, assim também a alma, posto que também possui uma capacidade limitada, não pode entregar-se ininterruptamente às operações que lhe são próprias, sem descanso algum.³⁰ Além disso, nas atividades racionais não é somente a alma que se desgasta, mas também o corpo. Com efeito, a potência intelectual se serve das potências sensitivas, que operam por meio dos órgãos corporais, para conhecer.³¹

Agora bem, os bens sensíveis são conaturais ao homem (*boni sensibilia conaturalia homini*).³² De forma que, abstrair-se deles gera fadiga ao ser humano. Com efeito, da mesma forma que o corpo se desgasta quando se prolonga em atividades superiores, também a alma, à medida que se eleva acima das coisas sensíveis pela operação da razão (*anima supra sensibilia elevatur operatur rationis*), é acometida por uma espécie de fadiga psíquica (*fatigatio animalis*), decorrente tanto do exercício da razão especulativa (*rationis speculativae*) quanto da razão prática (*rationis practicae*). E esta fadiga (*fatigatur*) passa a ser

²⁹ *Idem. Ibidem*: “Evidentemente todo aquele que negligencia ter ou fazer o que é obrigado ter ou fazer, peca por omissão. (...) Mas não se pode imputar a alguém como negligência o não saber o que não se pode saber. Por isso, essa ignorância é chamada invencível, porque nenhum estudo a pode vencer. Como tal ignorância não é voluntária, porque não está em nosso poder rechassá-la, por isso ela não é um pecado.”

³⁰ *Idem. Ibidem*. II-II, 168, 2, C: “Assim como o homem precisa de repouso para refazer as forças do corpo, que não pode trabalhar sem parar, pois tem resistência limitada, proporcional a determinadas tarefas, assim também a alma, cuja capacidade também é limitada e proporcional a determinadas operações.”

³¹ *Idem. Ibidem*: “Portanto, quando realiza certas atividades superiores à sua capacidade, ela se desgasta e se cansa, sobretudo porque nessas atividades o corpo se consome juntamente, pois a própria alma intelectual se serve de potências que operam por meio dos órgãos corporais.”

³² *Idem. Ibidem*: “Ora, os bens sensíveis são conaturais ao homem.”

ainda maior, quando a alma dedica-se à contemplação (*contemplationis*), pois, enquanto contempla, ela se afasta sobremaneira das coisas sensíveis.³³

Ora bem, assim como fadiga corporal (*fatigatio corporalis*) desaparece pelo repouso corporal (*corporis quietem*), da mesma forma a fadiga mental (*fatigatur animalis*) pelo repouso mental (*animae quietem*). Ora, o repouso mental acontece no que é deleitável (*delectatio*). Donde ser necessário, para o bem da própria atividade racional, buscar o remédio (*remedium*) para a fadiga da alma em algum prazer que afrouxe (*intermissa*) o esforço do estudo racional (*insistendum studio rationis*).³⁴

Esta espécie de prazer que dilata a alma, já tensa pela intensa atividade racional, chama-se *divertimento* ou *recreação*.³⁵ Acentua Tomás que estas recreações são mesmo necessárias de vez em quando, tendo em vista o repouso da alma.³⁶ Mais do que isto: este tipo de divertimento, que relaxa a alma, é uma virtude, que o próprio Aristóteles chamava de

33 *Idem. Ibidem*: “Por isso, quando a alma se eleva sobre o sensível para se dedicar a atividades racionais, gera-se uma certa *fadiga psíquica*, seja nas atividades da razão prática, seja nas da razão especulativa. Mas a fadiga é maior quando o homem se entrega à atividade contemplativa, porque é assim que ele se eleva ainda mais sobre as coisas sensíveis (...).”

34 *Idem. Ibidem*: “Ora, assim como a fadiga corporal desaparece pelo repouso do corpo, assim também é preciso que o cansaço mental se dissipe pelo repouso mental. O repouso da mente é o prazer, (...). Daí a necessidade de buscar remédio à fadiga da alma em algum prazer, afrouxando o esforço do labor mental.”

35 *Idem. Ibidem*: “Essas palavras e ações nas quais não se busca senão o prazer da alma chamam-se divertimentos ou recreações” O filósofo Luiz Jean Lauand faz uma observação assaz interessante. De fato, o filósofo e o contemplativo são aqueles que mais precisam de recreações, visto serem eles os que mais se dedicam às atividades da alma que a desgastam. Com outras palavras, mais do que ninguém o filósofo precisa se divertir, necessita de recreação, para recriar seu vigor intelectual. LAUAND, Luiz Jean. **Deus Ludens - O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 20: “Esta ‘re-criação’ pelo brincar - e a afirmação de Tomás (ainda na q. 168) pode parecer surpreendente à primeira vista - é tanto mais necessária para o intelectual e para o contemplativo que são os que, por assim dizer, mais ‘desgastam’ as forças da alma, arrancando-a do sensível. E ‘sendo os bens sensíveis conaturais ao homem’ as atividades racionais mais requerem o brincar.” Tomás indica esta interessante qualidade das ações lúdicas: dispor a alma para a contemplação das coisas elevadas, fazendo-a recobrar as suas forças: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. III, XXV, 7 (2063): “Assim é que as próprias ações lúdicas, que parecem não se dirigir para um fim determinado, têm o seu fim devido, a saber, por meio delas a mente se distraia e, após, possa o homem estar mais apto para as operações mais difíceis.”

36 *Idem. Suma Teológica*. II-II, 168, 2, C: “Lançar mão delas, de quando em quando, é uma necessidade para o descanso da alma.” Outra arguta observação do professor Lauand é notar que o deleite, enquanto recria as energias da alma fazendo-a dilatar, é indispensável para a qualidade do ensino. Ao contrário – continua Lauand – a falta destas recreações redundam em tristeza e fastio e prejudicam, por conseguinte, a aprendizagem: LAUAND. *Op. Cit.* In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 20 e 21: “Em outro lugar da Suma Teológica, no tratado sobre as paixões, Tomás - jogando com as palavras - analisa um interessante efeito da alegria e do prazer (*delectatio*) na atividade humana: o efeito que ele chama metaforicamente de dilatação (*dilatatio*): que amplia a capacidade de aprender tanto em sua dimensão intelectual quanto na da vontade (o que designaríamos hoje por motivação): *delectatio/dilatatio*, a deleitação produz uma dilatação essencial para a aprendizagem. E, reciprocamente, a tristeza e o fastio produzem um estreitamento, um bloqueio, ou, para usar a metáfora de Tomás, um peso (*aggravatio animi*), também para a aprendizagem. Por isso em II-II, 168, 2 ad 1, Tomás recomenda o uso didático de brincadeiras e piadas: para descanso dos ouvintes ou alunos.”

eutrapelia. Quem pratica de quando em quando estas recreações é virtuoso e pode ser chamado de *eutrapélico*, porquanto consegue converter atos e palavras de modo que produzam uma diversão repousante.³⁷ Por outro lado, quem não brinca, não conta nenhuma piada e não gosta de quem o faça, é uma pessoa dura e mal-educada.³⁸

Ainda uma palavra. Alguns cuidados devem ser tomados para que o divertimento não se degenere em vício. As brincadeiras não devem ser grosseiras e nem causar constrangimento ao próximo, tampouco é lícito usá-las para se praticar atos vergonhosos.³⁹ Iguamente, deve-se levar em conta se o momento é propício, se o lugar é apropriado, se o assunto que se trata permite e se a pessoa com quem se brinca consente.⁴⁰

5. O espírito da paideia tomásica

Podemos delinear agora, retomando sucintamente o que dissemos até aqui, o que pensamos poder chamar de o *espírito da paideia tomásica*. Por natureza, todos os homens desejam conhecer.⁴¹ Mas não desejam conhecer qualquer coisa, senão a verdade.⁴²

Agora bem, o metafísico, sequer deseja conhecer qualquer verdade, mas aquela verdade primeira da qual procedem todas as verdades.⁴³ Conquanto sejam poucos aqueles

³⁷ Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. II-II, 168, 2, C. “Portanto, pode haver uma virtude que se ocupe com os jogos, que o Filósofo denomina “eutrapelia”. E quem a pratica é chamado de ‘eutrapélico’, ou de ‘jeito bom’, porque facilmente ajeita palavras e atos em diversão repousante.”

³⁸ *Idem. Ibidem*. II-II, 168, 4, C: “Ora, os que se privam de toda diversão, nem eles dizem pilhérias e são molestos aos que a dizem não aceitando brincadeiras normais dos outros. E, por isso, tais pessoas são viciosas, ‘duras e mal educadas’, como diz o Filósofo.” A respeito deste aspecto, o professor Lauand cita uma passagem da *Ética – Comentário à Ética a Nicômaco* de Aristóteles – bastante esclarecedora: LAUAND. *Op. Cit.* In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 22: “Também na *Ética*, Tomás retoma os temas do brincar como virtude e os pecados por excesso e por falta: ‘853 - Aqueles que não querem dizer algo engraçado e se irritam com os que o dizem, na medida em que assim se agastam, tornam-se como que duros e rústicos, não se deixando abrandar pelo prazer do brincar.’” (O itálico é nosso).

³⁹ *Idem. Ibidem*. II-II, 168, 2, C: “O primeiro e mais importante é que, em nossos divertimentos, não devem constar atos e palavras vergonhosos ou nocivas.” E ainda: *Idem. Ibidem*. II-II, 168, 3, C: “É o caso da brincadeira, chamada por Túlio de ‘grosseira, insolente, indecente e obscena’; que acontece quando se empregam, por divertimento, palavras ou atos vergonhosos ou prejudiciais ao próximo (...)”.

⁴⁰ *Idem. Ibidem*: “Em segundo lugar, pode haver excesso no divertimento por falta das circunstâncias devidas, quando alguém, por exemplo, brinca em honra ou recinto impróprios ou fora da conveniência do assunto ou da pessoa.”

⁴¹ TOMÁS DE AQUINO. **Comentário à Metafísica de Aristóteles**. I, I, 1. Disponível em <<http://www.microbookstudio.com/tomasaquinocomentariosaristoteles.htm>>. Acesso em: 09/03/2007: “Existe naturalmente em todo homem o desejo de conhecer.”

⁴² TOMÁS DE AQUINO. **A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas**. Trad. Mário Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1999. I, 1: “(...) todos os homens, por natureza, desejam saber a verdade (...)”.

que, de fato, põem-se a conhecer esta dada verdade, o desejo de conhecê-la Deus o imprimiu em todos.⁴⁴ Ora, esta verdade é Deus mesmo e as coisas relativas a Ele. Daí que o objeto da metafísica ou filosofia primeira – última parte da filosofia – seja Deus e as coisas divinas.⁴⁵ É, pois, este conhecimento das substâncias superiores que, inobstante seja mais imperfeito que os demais, causa-nos maior amor e nos desperta maior júbilo, e que, portanto, desejamos mais ardentemente.⁴⁶

Ora, a estudiosidade, não é senão a virtude pela qual nos inclinamos na persecução da consecução desta verdade suprema, que nos exige a árdua dedicação de uma vida, visto que o conhecimento de tais verdades reclamam muitos conhecimentos prévios.⁴⁷ Por isso, opõe-se a este labor, como vimos, a fadiga e o desânimo, mas socorre-nos a estudiosidade, enquanto é uma virtude anexa à da fortaleza, quando nos restaura as forças, restabelecendo em nós o ânimo para prosseguir com perseverança. O próprio chega a apontar para o fato de que, na busca da verdade, muitos desistem por causa da preguiça: “Outros, por fim, são impedidos pela preguiça”⁴⁸.

Ora bem, há ainda outro vício que pode oferecer resistência à aspiração do estudioso: a curiosidade. Tal vício consiste no desejo imoderado de conhecer qualquer coisa ou melhor: todas as coisas. Desta feita, ele desloca o estudioso da conquista da verdade sublime. Este vício se manifesta de vários modos. Pode se apresentar como uma forma de orgulho intelectual, isto é, fazendo com que deixemos a busca da verdade por ela mesma para buscarmos a verdade tendo em vista apenas a vã glória de saber. Pode se manifestar também como um modo de perscrutar o pecado, ou seja, busca-se a verdade não por ela mesma, mas com vistas a que, através do seu conhecimento, se possa cometer atos pecaminosos.

⁴³ *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, I, 3 (5): “Esclarece também o Filósofo que a Filosofia Primeira, é a ciência da verdade. Não porém de qualquer verdade, mas daquela verdade que é a origem de toda verdade, isto é, a que pertence ao primeiro princípio do ser e de todas as coisas.”

⁴⁴ *Idem. Ibidem*. I, IV, 3 (23c): “No entanto, poucos desejam dar-se a este trabalho por amor à ciência, apesar de ter Deus inserido na mente humana o desejo natural de conhecer aquelas verdades.”

⁴⁵ *Idem. Ibidem*. I, IV, 3 (23c): “(...) o trabalho especulativo de toda a filosofia dirige-se par ao conhecimento de Deus, a metafísica – que tem por objeto as verdades divinas – deve ser a última parte da filosofia a ser conhecida.” (O itálico é nosso).

⁴⁶ *Idem. Ibidem*. I, II, 1 (7a): “Entre os estudos humanos, o da sabedoria é o mais perfeito, o mais sublime, o mais útil e o mais alegre.” *Idem. Ibidem*. I, V, 4 (32c): “Escreve, ainda (II **Sobre o Céu e o Mundo**, 12, 291b; Cmt 17, 450), que, apesar de as questões sobre os corpos celestes serem explicadas de forma limitada e superficialmente, isto traz para o leitor imensa alegria.”

⁴⁷ *Idem. Ibidem*. I, IV, 2 (23c): “Ora, para o conhecimento das verdades divinas investigáveis pela razão há necessidade de muitos conhecimentos prévios.” *Idem. Ibidem*. I, IV, 4 (24): “O segundo inconveniente decorre de que aqueles que chegam a descobrir as verdades divinas não o conseguem senão após diuturna investigação. Tal acontece devido às profundezas das mesmas, pois somente um longo trabalho torna o intelecto apto para compreendê-las por via da razão natural. Tal acontece também porque muitos conhecimentos prévios são exigidos, como dissemos acima.”

⁴⁸ *Idem. Ibidem*. I, IV, 3 (23c).

Agora bem, todos estes vícios têm algo em comum: todos eles fazem com que a verdade suprema deixe de ser o fim do nosso estudo, fazendo então com que coloquemos os nossos deleites em outras coisas. Combate-se todos estes vícios, inclusive o da curiosidade, com a própria estudiosidade, enquanto esta se encontra em nós também como uma virtude anexa à temperança, ou seja, fazendo-nos persistir no caminho da busca da verdade pela verdade.

Além disso, como o fim da estudiosidade é conhecer a Deus – verdade primeira – ela deve nos moderar também a fim de que não nos detenhamos no conhecimento das coisas sensíveis e nem, finalmente, em quaisquer conhecimentos que não seja aquele que, de fato, buscamos: o conhecimento de Deus. A estudiosidade deve ainda nos afastar daqueles que nos instruem mal.

Agora bem, Deus é o objeto supremo e o ápice do conhecimento humano.⁴⁹ Ora, sendo que a ciência que estuda Deus é a filosofia primeira, então, deduz-se que o fim último de todo estudo humano se encontra na filosofia, mormente na filosofia primeira, que chamamos metafísica. Ora bem, tal tese que, a princípio, parece nos levar a certo racionalismo – apreender a Deus pelo intelecto – volta-se precisamente contra esta tendência, já que o ápice do conhecimento humano – o conhecimento de Deus – é justamente o mais imperfeito de todos os conhecimentos que o homem pode adquirir. Ademais, se o ápice do conhecimento humano está no conhecimento de Deus, o ápice do conhecimento humano de Deus está em saber que Ele se encontra acima de tudo aquilo que podemos pensar ou imaginar.⁵⁰ Entretanto, é dado conhecimento que, paradoxalmente, causa-nos maior alegria, pois conhecer menos o mais perfeito é sempre melhor do que conhecer mais o menos perfeito.⁵¹

Por isso mesmo, dentre os vícios que a virtude da estudiosidade tem sempre que combater, o maior é a presunção⁵², ou seja, a pretensão de saber tudo pela razão, pois esta

⁴⁹ *Idem. Ibidem.* I, IV, 3 (23a): “(...) o grau supremo do conhecimento humano, que consiste no conhecimento de Deus.” *Idem. Ibidem.* I, IV, 3 (23b): “(...) o máximo desta investigação, que consiste justamente no conhecimento de Deus.”

⁵⁰ *Idem. Ibidem.* I, V, 3 (30): “Com efeito, só conhecemos verdadeiramente a Deus quando cremos que ele está acima de tudo aquilo que é possível ser pensado a respeito de Deus pelo homem, dado que a substância divina eleva-se acima do conhecimento natural do homem (...). Por isso, pelo fato de que são propostas ao homem verdades a respeito de Deus que excedem a razão, firma-se no homem a opinião de que Deus é algo acima de tudo aquilo que se possa pensar.”

⁵¹ *Idem. Ibidem.* I, V, 5 (32b): “(...) embora pouco captemos das substâncias superiores, contudo, este pouco é mais amado e desejado que todo conhecimento que temos das substâncias inferiores.” *Idem. Ibidem.* I, V, 5 (32c): “Conclui-se, pois, do que dissemos, que por mais imperfeito que seja o nosso conhecimento das coisas sutilíssimas, ela traz para a alma a máxima perfeição.”

⁵² *Idem. Ibidem.* I, V, 4 (31): “Disto vem também para o homem uma utilidade, qual seja o *afastamento da presunção, que é a mãe do erro.*” Tomás fala abertamente desta presunção racionalista: *Idem. Ibidem.* I, V, 4

atitude nos afasta daquele conhecimento humano que, conquanto sendo mais débil que os outros, aperfeiçoa-nos mais do que qualquer outro. Portanto, a estudiosidade, enquanto disciplina a nossa sede de saber, livra-nos do engodo racionalista.

(31): “Há muitos, de fato, que julgam abarcar toda natureza das coisas pelo seu intelecto, e pensam que tudo que vêem é verdadeiro e falso o que não vêem.”

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995.

LAUAND, Luiz Jean. **Deus Ludens – O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. **A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas**. Trad. Mário Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **Compêndio de Teologia**. 2ª ed. Trad. D. Odilão Moura, OSB. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

TORRELL, Jean Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: Sua Pessoa e Obra**. 2ª ed. Trad. Luiz Paulo Rouanet. Rev. Saulo Krieger et al. São Paulo: Loyola, 2004.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.